

DESDOBRAMENTOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E ESPORTIVA 2

WENDELL LUIZ LINHARES
(ORGANIZADOR)



Atena
Editora

Ano 2019

Wendell Luiz Linhares

(Organizador)

Desdobramentos da Educação Física Escolar e Esportiva

2

Atena Editora

2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
D449	<p>Desdobramentos da educação física escolar e esportiva 2 [recurso eletrônico] / Organizador Wendell Luiz Linhares. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Desdobramentos da Educação Física Escolar e Esportiva; v. 2)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-651-5 DOI 10.22533/at.ed.515190110</p> <p>1. Educação física para crianças. 2. Psicomotricidade. I.Linhares, Wendell Luiz. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 613.7</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

CAPÍTULO 1	1
ANÁLISE DO EFEITO DO TIPO DE SAQUE SOBRE A PRECISÃO DO FUNDAMENTO RECEPÇÃO NO VOLEIBOL	
<i>Fernanda Dalmaso da Rocha Gambeta</i> <i>Bruno Sérgio Portela</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5151901101	
CAPÍTULO 2	5
AValiação DOS NÍVEIS DE FLEXIBILIDADE EM PRATICANTES DE GINÁSTICA RÍTMICA E ARTÍSTICA NA CIDADE DE JOÃO PESSOA	
<i>Cybelle de Arruda Navarro Silva</i> <i>Aline de Freitas Brito</i> <i>Adriano Césares Mesquita Brasil de Farias</i> <i>Eliete Samara Batista dos Santos</i> <i>Marina Gonçalves Assis</i> <i>Fernanda Antônia de Albuquerque Melo</i> <i>Hellen Christina de Belmont Sabino Medeiros</i> <i>Fabiano Ferreira de Lima</i> <i>Rinaldo Silvino dos Santos</i> <i>Igor Henriques Fortunato</i> <i>Larissa Beatriz Lisboa Carvalho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5151901102	
CAPÍTULO 3	13
BENEFÍCIOS DO TREINAMENTO RESISTIDO A SAÚDE	
<i>Givanildo de Oliveira Santos</i> <i>Jessé Floriano Vieira</i> <i>Nadyelly Netto Flores Vieira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5151901103	
CAPÍTULO 4	22
EXERCÍCIOS RESISTIDOS EM ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO COM HIPERLORDOSE LOMBAR	
<i>Givanildo de Oliveira Santos</i> <i>Tiago Rodrigues Silva</i> <i>Weyller dos Anjos Ferreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5151901104	
CAPÍTULO 5	31
OS JOGOS INDÍGENAS PATAXÓ – ESQUECIMENTO, AUTENTICIDADE E PERTENCIMENTO	
<i>Fábio Souza Vilas Boas</i> <i>Romeu Araújo Menezes</i> <i>Eujácio Batista Lopes Filho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.5151901105	

CAPÍTULO 6 40

PREVALÊNCIA DE SINTOMATOLOGIA DOLOROSA EM PRATICANTES DE CROSSFIT DA CIDADE DE VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA

Victória Silva Midlej Ribeiro
Vagner Lemos Rodrigues
Hegle de Assis Pereira
Patrícia Bueno Böhm
Nivaldo Oliveira Castro Júnior
Nathália Santos Ribeiro
Vinícius Rodrigues Novais
Rodrigo César Amâncio Neves dos Santos
Edimara Bezerra Almeida

DOI 10.22533/at.ed.5151901106

II. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E COMUNIDADE

CAPÍTULO 7 49

A RELAÇÃO PAIS E FILHOS DENTRO DE ESCOLAS DE FUTEBOL E FUTSAL

Paulo Franco Neto
Juliana Martins Pereira

DOI 10.22533/at.ed.5151901107

CAPÍTULO 8 61

ANÁLISIS DE LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR EN EL ENTORNO DE LOS COLEGIOS RURALES AGRUPADOS DE GALICIA, ESPAÑA

José Eugenio Rodríguez-Fernández
José Carlos Fernández-Suárez
Paula Lois-Martínez

DOI 10.22533/at.ed.5151901108

CAPÍTULO 9 73

PERCEPÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR A RESPEITO DE CONFLITOS EM AULA

Andreia Camila de Oliveira
Sheila Aparecida Pereira dos Santos Silva

DOI 10.22533/at.ed.5151901109

CAPÍTULO 10 85

PROJETOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA: REDE DE COLABORAÇÃO INTERNACIONAL

Súsel Fernanda Lopes
Rubens Venditti Júnior

DOI 10.22533/at.ed.51519011010

CAPÍTULO 11 95

ATLETISMO NA ESCOLA: UMA PROPOSTA DE ADAPTAÇÃO PARA AS PROVAS DE REVEZAMENTO

Rodrigo Constantino de Melo
Ígor Schardong
Nestor Rossi Júnior
Amanda Simões Martins
Kairam Ramos Rios

CAPÍTULO 12 99

POTENCIALIDADES E POSSIBILIDADES DE APLICAÇÃO DO CONTEÚDO VOLEIBOL NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA DO 1º AO 4º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Marcelo Oliveira Melo

Ednaldo Luiz da Silva

Lucas Savassi Figueiredo

Fabiano de Souza Fonseca

DOI 10.22533/at.ed.51519011012

CAPÍTULO 13 112

ESPORTE E SOCIEDADE: CONCEPÇÃO DOS VALORES ADQUIRIDOS A PARTIR DA PRÁTICA ESPORTIVA EM UM PROGRAMA SOCIAL DE JUAZEIRO DO NORTE-CE

Cícera Luana de Lima Teixeira

Richardson Dylsen de Souza Capistrano

Sávia Maria da Paz Oliveira Lucena

Brás Paulo de Souza

Rubens Cesar Lucena da Cunha

DOI 10.22533/at.ed.51519011013

SOBRE O ORGANIZADOR 126

ÍNDICE REMISSIVO 127

ANÁLISIS DE LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR EN EL ENTORNO DE LOS COLEGIOS RURALES AGRUPADOS DE GALICIA, ESPAÑA

José Eugenio Rodríguez-Fernández

Universidade de Santiago de Compostela.

Facultad de Ciencias de la Educación.

Departamento de Didácticas Aplicadas.

Área de Didáctica de la Expresión Corporal.

Santiago de Compostela, A Coruña, España.

José Carlos Fernández-Suárez

Universidade de Santiago de Compostela

Facultad de Ciencias de la Educación

Santiago de Compostela, A Coruña, España.

Paula Lois-Martínez

Universidade de Santiago de Compostela

Facultad de Ciencias de la Educación

Santiago de Compostela, A Coruña, España.

RESUMEN: Galicia presenta, desde el punto de vista escolar, una gran diversidad, consecuencia de la propia variedad en sus aspectos geográficos, socioeconómicos y demográficos, que originan la diseminación de la población y motivan que la realidad escolar sea muy heterogénea. Así, los Colegios Rurales Agrupados (CRA) constituyen otro modelo de educación rural en nuestra comunidad y, en ese contexto diferente, también se incluye el tratamiento de la Educación Física y el deporte, haciendo referencia al número de alumnos, distintos niveles y capacidades, disponibilidad de recursos y falta de docentes especialistas. El objetivo de este estudio fue analizar el

tratamiento de la Educación Física escolar en el ámbito de los CRA en Galicia (España). Se diseña un estudio transversal y descriptivo, de tipo cualitativo, donde se emplea la entrevista personal como herramienta para la recogida de datos, participando 5 docentes de 5 CRA de Galicia. Los resultados muestran una realidad pesimista, donde un futuro incierto en su continuidad como centros de enseñanza activos y la falta de recursos e inversión por parte de la administración, repercute negativamente en la visión que se tiene de los mismos, tanto por los propios docentes como por los padres de niños y niñas. La administración debería replantearse el cierre de estos CRA y realizar mejoras en los mismos, tanto a nivel de infraestructura como del personal docente, pues los objetivos educativos propuestos se alcanzan al igual que en otro tipo de centros educativos.

PALABRAS CLAVE: Educación Física, Educación Infantil y Primaria, Colegios Rurales Agrupados, Escuelas Unitarias, educación integral.

ANALYSIS OF THE PHYSICAL EDUCATION SCHOOL INTO THE RURAL SCHOOL IN GALICIA, SPAIN

ABSTRACT: Galicia presents, from the school point of view, a great diversity, consequence of the variety in geographical, socioeconomic and demographic aspects, which originate the

dessemination of the population and motivate the school reality to be very heterogeneous. Then, the Grouped Rural Colleges (GRC) constitute another model of rural education in our community and, in that different context, the treatment of Physical Education and sport is also included, referring to the number of students, different levels and abilities, availability of resources and lack of specialist teachers. The objective of this study was to analyze the treatment of School Physical Education in the GRC of Galicia (Spain). A cross-sectional, descriptive and qualitative study was designed, where the personal interview was used as a tool for data collection, involving 5 teachers from 5 GRC of Galicia. The results show a pessimistic reality, where an uncertain future in the continuity as active teaching centers and the lack of resources and investment by the administration, has a negative impact in their visión, both by the teachers themselves and by the parents of boys and girls.

The administration should rethink the closure of these GRC and make improvements in them, both in terms of infrastructure and teaching staff, as the proposed educational objectives are achieved as in other types of educational centers.

KEYWORDS: Physical Education, Elementary and Primary Education, Grouped Rural Schools, Unitary Schools, integral education.

1 | INTRODUCCIÓN

La realidad que se vive en Galicia hoy en día está marcada por la diversa casuística que la determinan, desde la perspectiva social, cultural e histórica hasta las características que conforman su propio territorio. Según Muñiz (2016), hasta el año 1959 se trataba de una sociedad agraria tradicional y, por tanto, aspectos como aislamiento, desconocimiento, autosuficiencia e desinformación estaban continuamente presentes. Con el auge de las nuevas tecnologías y de la globalización, Galicia se moderniza, al igual que todas las zonas del territorio español (SINEIRO, 2016).

Avances en la mejora de las infraestructuras y los grupos de explotación competitivas, así como en la producción de leche, madera y recuperación de vinos, provocaron que Galicia se fuera asemejando cada vez más al mundo urbano; y es muy probable que en un futuro no muy lejano se “desruralice” el mundo del rural, pero no por eso las formas de interacción que le son propias (BOIX, 2003). Aun así, esta evolución fue mucho más tardía en Galicia con respecto al resto de las comunidades del territorio español. Un ejemplo de esto se produjo a mediados del siglo XX, cuando el Plan de Estabilización impulsado por el Ministro de Comercio para mejorar las condiciones del campo en todo el territorio español, Galicia queda fuera (VIÑUELA, 2011).

Sucesos como este se reflejó en una dejadez y un decaimiento de la vida rural de la Galicia interior y, como indica Vázquez (2008), el mundo urbano vivía de espaldas al rural y con un funcionamiento independiente, sin apenas relación con el resto del

territorio gallego. Esto afectó directamente a la economía, a la educación... y a la sociedad en general. Según Prado (2007), el único modo de progreso y desarrollo que la sociedad consideraba evolutivo era lo que se ofertaba en el contexto urbano.

El decaimiento de la vida en el rural gallego ocasionó aún un mayor éxodo del rural hacia las ciudades, asentándose la población paulatinamente en las zonas urbanas. Muñiz (2016) destaca que esta ideología de urbanización y de modernización provocó el final de la vida en las aldeas, estimándose en unos 3.500 villas y aldeas abandonadas desde la década de los años 60. Y, como confirma Moledo (2014), este abandono continúa incrementándose hasta la actualidad.

Una consecuencia que acompaña el despoblamiento del rural es la salida de la población de la propia comunidad o región. Grandes ciudades gallegas, como A Coruña y Pontevedra aumentaron el número de habitantes, pero no lo suficiente como para tener buenas expectativas de futuro. Se constata además que Galicia concentra el 60% de los núcleos de España a punto de desaparecer, por lo que Galicia se está convirtiendo en una fábrica de aldeas abandonadas.

En el ámbito educativo también nos encontramos con esa situación. Así lo recoge Costa (2014), afirmando que las diferentes escuelas se localizaban en las propias parroquias con una población escasa, pero que permitía a los alumnos aprender desde el propio entorno y la cultura propia de su territorio. Este aprovechamiento del aprendizaje a partir del entorno es algo que puede resultar muy productivo, más en aquellos centros del ámbito urbano (BOIX, 2007), pues se constata un paulatino alejamiento de los niños con el entorno natural (FERNANDES; ELALI, 2008), por el ya comentado éxodo de la población a zonas urbanas (CASTILLO-RODRÍGUEZ; PICAZO-CÓRDOBA; GIL-MADRONA, 2018; NICOLÁS, 2019) o por el exceso de actividades realizadas en espacios interiores (CASANOVA, 2017).

La Administración Pública también se hace eco de los cambios sociales que se están produciendo y, en este sentido, promueve una perspectiva centralizadora que provoca un cambio de rumbo en las escuelas unitarias (escuelas del ámbito rural) del momento. Las dificultades de trabajo en este contexto, el cambio político en referencia a la cultura y educación (BUSTOS, 2008) y la apuesta por la creación de otro tipo de centros educativos, más adaptados al funcionamiento del sistema (denominados Grupos Escolares), provoca el decaimiento de las escuelas unitarias y su continuo cierre y desmantelamiento.

La idea de los Grupos Escolares es promovida por el Ministerio de Educación, ya que proporcionarán una estructura organizativa graduada, el desarrollo de la acción educativa en mejores instalaciones y anexos de calidad, como comedores escolares y espacios específicos para la práctica deportiva (COSTA, 2014). A partir de los años 70 la mayoría de las escuelas unitarias desaparecieron por “criterios de racionalidad administrativa” (ÁLVAREZ, 2016) y, este proceder, llega hasta la actualidad, donde muy pocas escuelas unitarias siguen activas.

El limitado número de escuelas unitarias que quedaban derivó en la formación

de los Colegios Rurales Agrupados (CRA), que no son más que un agrupamiento de esas escuelas unitarias, conectando recursos (sobre todo, humanos –docentes-) para evitar el aislamiento. De todas formas, la educación rural no respondió a las necesidades de la población, ni favoreció el arraigamiento de la población en el contexto rural ni oportunidades para que el contexto rural gallego se mantuviera o creciera.

Pertenecer a un CRA supone no tener la referencia de un equipo directivo o disponer de ciertos especialistas de materias específicas, como por ejemplo, el maestro especialista en Educación Física. El Decreto 105/2014, del 4 de septiembre, por el que se establece el currículum de la Educación Primaria en la Comunidad Autónoma de Galicia establece que el diseño, coordinación y supervisión de medidas que se adopten en el centro educativo serán asumidas por el profesorado con cualificación o especialización adecuada, mostrando en este caso la importancia del docente especialista en Educación Física en la promoción y desarrollo de esta área en la escuela. Objetivos básicos como conseguir el desarrollo integral del alumnado a través de la motricidad, la actividad física y el deporte son difíciles de cumplir cuando el docente no tiene la especialización requerida (BOIX, 1995), ya sea por inseguridad, por desconocimiento o, más claro, por falta de formación (RUIZ, 2008).

Otro obstáculo para el desarrollo de la Educación Física en la escuela en general (y más acentuado en los CRA) es la necesidad de instalaciones, espacios y equipamientos específicos para la práctica de la actividad física y el deporte (LÓPEZ; TOUS, 2002). Los CRA no disponen de instalaciones deportivas, y menos a cubierto; los espacios que disponen son exteriores, a los que hay añadir las duras condiciones que se sufren en Galicia, con frío y lluvias en gran parte del año (RUIZ, 2008).

Delgado y Tercedor (2002) opinan que los recursos económicos que se destinan a los espacios para la práctica de la actividad física y el deporte son insuficientes y, como dicen Hernández y Andrés (1981), en los centros escolares la instalación básica para la práctica del deporte debe ser a cubierto y, la descubierta, es complementaria.

Por todo esto, nos planteamos realizar un estudio para conocer el tratamiento que se realiza en los CRA de Galicia sobre la práctica de actividad física y deporte, conociendo la percepción de los docentes que diariamente realizan su praxis con el alumnado de las zonas rurales.

2 | METODOLOGÍA

2.1 Muestra

Se diseña un estudio cualitativo, con un enfoque transversal y descriptivo (COUTINHO, 2014; PEREIRA, 2011) en el que participan 5 maestros (4 hombres y una mujer) de 5 CRA de la Comunidad Autónoma de Galicia (España).

2.2 Instrumento

Se emplea la entrevista personal semiestructurada como herramienta principal para la recogida de datos (BAPTISTA, 2016; MAGALHÃES; HILL, 2016). Esta entrevista estaba orientada para realizarse en base a cuatro bloques:

Bloque 1. El CRA. Cuestiones relativas a la estructura, instalaciones y material que dispone la escuela, determinando las posibilidades y limitaciones del centro.

Bloque 2. Educación Física. Cuestiones para conocer la situación y desarrollo del área en los CRA, enfoque docente y visión externa por parte de padres/madres del alumnado.

Bloque 3. El docente. Análisis de la metodología docente, innovación docente, propuestas, intenciones y finalidades, tanto dentro como fuera del aula.

Bloque 4. El alumnado. Valoración del alumnado de los CRA, su relación con la Educación Física y comparativas (edades, tipos de centros...)

2.3 Procedimiento

Para la realización del estudio, se contactó con los pocos CRA de Galicia activos para informarles del estudio y solicitar la participación de los docentes.

Confirmada la participación de 5 CRA, se concertó entrevista con el docente, en el propio centro, lugar que suele ser más cómodo para el entrevistado en este caso. Las entrevistas se realizaron de forma individual.

Se procedió con la entrevista a cada docente, cuya duración media es de 30 minutos. Las entrevistas fueron grabadas para su posterior transcripción.

Una vez realizadas las 5 entrevistas, se procedió con la transcripción de las mismas.

Para el análisis y comparativa de la información proporcionada por los 5 docentes, se siguió la estructura y cuestiones establecidas previamente en la entrevista.

Terminado el proceso, como se indica en este tipo de estudios, se procedió a la destrucción de las grabaciones de audio (Flick, 2015).

3 | RESULTADOS

3.1 Los CRA

En esta categoría entran las cuestiones relacionadas con la parte estructural y material que rodea la esfera de los CRA, tratando de comprender el contexto de estos centros educativos.

En lo referente a las instalaciones, el **docente 1** afirma que *“la mayoría de nuestras escuelas son de los años 80, con material y documentos aún de los años 60”* y que *“las instalaciones son mayoritariamente de una sola planta, en la que se encuentran una o dos aulas”*. Lo confirma el **docente 2**, comentando que *“lo habitual es*

disponer de una sola aula” y la docente 4: “lo que prima en general son instalaciones viejas y sin reformar”. El **docente 5** hace referencia a que su escuela se remonta a los años 1957 o 1958, en la cual todavía se imparte clase a los niños. Es un centro con dos plantas, pero la de arriba no se usa. Al igual que la mayoría de los CRA, no se disponen de salas anexas, como aulas de motricidad y solo en algunos casos se utiliza la propia aula para desarrollar actividades de este tipo a cubierto.

En cuanto al exterior del colegio, solo tres CRA disponen de zonas verdes dentro del recinto escolar; las otras dos, ni eso. Para salvar esta circunstancia, se recurre a los parques públicos cercanos o parques ajardinados, opinando el **docente 1** que *“de la necesidad se hace la virtud”.* El **docente 4** es el único que dispone de un aula acondicionada para las clases de motricidad infantil, pero el resto de CRA no dispone de espacios cubiertos, tal y como comenta el **docente 3: “la clase de Educación Física se realiza en los patios, de hierba, corcho y arena”.**

En cuestión de equipamientos y material para uso del alumnado, tanto en momentos de recreo como en sesiones de Educación Física, se destaca la falta de dotación que sufren estos centros educativos. Así, el **docente 5** expresa que, aparte de disponer de poco material, *“el material que necesitamos lo compramos nosotros aparte, por nuestra cuenta”* Añade el **docente 3** que se cuenta con lo básico, *“hay balones, cuerdas, aros... y cada año voy añadiendo alguna cosa más”.* El **docente 4**, que en su CRA dispone de sala específica para motricidad, afirma que dispone de material suficiente para el desarrollo de su trabajo con el alumnado.

La finalidad de estos CRA, en voz de sus docentes, es *“trabajar en conjunto, buscando la unificación de las escuelas y salir así de la individualidad de las escuelas unitarias”* (**docente 1**). El **docente 3** cree que en estos centros *“se puede realizar un aprendizaje más espontáneo y natural, y tener una mejor adaptación al medio, toma de decisiones, proponer cosas...”*, mientras que la **docente 4** destaca la *“importancia del trabajo cooperativo y el aprendizaje en grupo”* que caracteriza los CRA.

En general, se puede concluir que los CRA disponen de instalaciones muy antiguas, con poca inversión en la propia infraestructura y también en relación al equipamiento y material para empleo del alumnado. Básicamente, la instalación la componen el edificio principal y la zona verde anexa (los que disponen de ella). A partir de ahí, un aspecto que caracteriza los CRA es la imaginación, la del propio docente, para crear materiales, buscar espacios, innovar continuamente y ofrecer al alumnado diferentes posibilidades con las que el propio medio, recursos propios o de las familias, puedan colaborar.

3.2 La Educación Física en los CRA

El **docente 1** afirma que en los CRA la materia de Educación Física se valora mucho, sobre todo, *“como mejora de la salud de los niños”.* El **docente 4** añade que, a pesar de que esta materia no se valora en su justa medida por los padres

del alumnado (lo mismo que en otro tipo de centros de infantil y primaria), *“hay una preferencia del alumnado por esta materia”*, lo que supone que conecta con sus gustos y preferencias.

El **docente 2** nos muestra la importancia de la práctica de la Educación Física, la motricidad y el juego en la educación infantil y primaria; incluso se tiene que luchar contra el pasado, ya que *“la mayoría de los padres, madres y la sociedad en general, siguen manteniendo las creencias de que el niños está ahí jugando..., incluso el maestro se pasa el día jugando”*; y el juego es importante en el desarrollo integral del niño, es su principal actividad en la infancia, a través del cual se adquieren conocimientos y muchas experiencias prácticas válidas para la vida en sociedad. A pesar de todos estos beneficios, el **docente 3** nos muestra una parte de la realidad, afirmando que *“debido a la falta de instalaciones y el horario reducido, siempre queda un poco en segundo plano la Educación Física en la escuela rural”*.

A ese horario reducido también se refiere la **docente 4**, opinando que son necesarias más horas semanales: *“son insuficientes dos horas semanales en esta etapa”*. En este sentido, el **docente 2** cree que 3 horas semanales serían necesarias en esta etapa educativa, al igual que en otras comunidades autónomas de España (según la organización de esa hora de libre disposición, no por ley). El **docente 3** va más allá, observando la necesidad de una hora diaria de Educación Física, aunque las clases tuvieran que ser más cortas. En contrapartida, el **docente 5**, al contrario que sus compañeros, opina que *“aquí son suficientes dos horas, ya que en primaria son las que están en cualquier colegio y los niños de infantil también tienen dos”*.

3.3 El docente

En este bloque las cuestiones giraron en torno a la metodología empleada por el docente en el aula, su manejo de las aulas multinivel y el trabajo que realizan con el entorno más próximo.

Como muestra el **docente 1**, en los CRA, trabajar con grupos multinivel *“es realmente complicado, un reto para el profesorado”* pero, al mismo tiempo, *“una actividad muy enriquecedora”*. Comparte esta opinión el **docente 3**, al hablar de los beneficios entre alumnos de diversas edades y también el docente 2, aunque *“al principio es difícil porque tienes que adaptarte a la situación del grupo”*. El **docente 5** cree que la mayor ventaja de los grupos multinivel es *“que cada niño se puede ajustar al nivel de desarrollo y no a su edad cronológica”*. El **docente 4** observa como inconvenientes que *“en la etapa de infantil no supone un inconveniente, pero cuando se mezcla infantil y primaria si lo considero un inconveniente por las diferencias existentes entre el alumnado”*.

El **docente 1** promueve tanto salidas grupales del colegio relacionadas con el deporte u otras celebraciones tradicionales (magosto, carnaval...) como salidas ordinarias que no están estipuladas en la programación general, y que se desarrollan en el entorno más próximo al centro, como puede ser la recogida del trigo o maíz, por

ejemplo. El **docente 4** promueve salidas a la playa e informa a padres y madres de todas las ofertas deportivas que incluye mensualmente el Ayuntamiento, para asistir a diversas pruebas o celebraciones.

El **docente 2** informa de que en su CRA están inscritos en el Plan Xogade de la Xunta de Galicia (de promoción deportiva), realizando salidas para participar en pruebas de campo a través, atletismo, senderismo, bicicleta y otras actividades que se celebran en la zona. El **docente 3** también promueve en buena medida las salidas del centro, aunque no concreta que tipo de actividades desarrolla al respecto. El **docente 5** aporta un dato importante al respecto, y es la dificultad de conseguir los permisos necesarios (en este caso, de los padres) para poder salir del centro y participar en actividades.

En relación a la metodología empleada, el **docente 1** nos habla de *“buscar actividades viables para todos”*, aunque después se varíe el nivel de exigencia, adaptándose a casos concretos. Se trata de incluir a todos y *“la metodología didáctica y la didáctica la tienes que apoyar mucho en los niños de mayor edad, tienen que colaborar y ayudar mucho a los más pequeños. Esto hace que se vuelvan más responsables y cariñosos, y esta misma cooperación, hace que los más pequeños aprendan cosas de forma natural y dinámica”*. En definitiva se trata de buscar autonomía, responsabilidad y colaboración de todo el alumnado.

El **docente 2** nos dice que no se puede separar al alumnado, que hay que buscar actividades que incluyan a todos, buscando un nivel intermedio, después adaptaciones individuales y siempre gestionando el alumnado a través de las normas. El resto de docentes aplican una metodología amena y variada para los niños, centrándose más en el desarrollo emocional y motor, como en el caso del **docente 4**, buscando participación y cuidando la seguridad. Los **docentes 3 y 5** apuestan por el juego y el movimiento, bien como medio para adquirir otros aprendizajes o como fin, buscando la propia naturaleza del niño, la de jugar por jugar o jugar por el simple placer que produce el juego.

En cuanto a la evaluación, todos están de acuerdo en la individualización de la misma, solo que en primaria se centran más en la evaluación de los contenidos trabajados y, en infantil, en aspectos de adquisición de valores, comportamiento y esfuerzo.

3.4 El alumnado

En este bloque, las cuestiones se referían al desarrollo del alumnado en los CRA y la posibilidad de que se produjeran diferencias en el aprendizaje con respecto a alumnado de centros urbanos.

El **docente 1** nos comenta que *“a nivel de calidad de enseñanza no se puede mejorar, donde sí se puede hacer es en el tema de instalaciones, ayudas, materiales...”*, no observando diferencias a nivel curricular con otros alumnos de centros urbanos,

pero lo que si ocurre es que *“el problema radica en el cambio de escuela, porque cambian a un centro nuevo con alumnos y profesores nuevos, por lo que a nivel afectivo sí que afecta”*.

El **docente 2** también mantiene que *“no hay diferencias...”* y que, con actitud profesional, todo puede realizarse, independientemente de que sea un centro rural o urbano, con poco o mucho material. Opina lo mismo el **docente 3** *“no hay diferencias de capacidad con un niño de ciudad”*. El **docente 4** comenta que *“es independiente de la procedencia, sino que depende de lo potenciado que esté en el ámbito familiar”*, entrando en escena la formación que reciben los niños a nivel extraescolar en el ámbito rural y en el ámbito urbano.

4 | DISCUSIONES

Los resultados nos muestran la realidad de los CRA en Galicia, donde la principal problemática se focaliza en la falta de recursos o, mejor dicho, en la diferencia de recursos con los que cuenta un colegio urbano y uno rural. Suarez y Membiela (2011) afirman en este sentido que son muchos los problemas con los que se enfrentan los CRA, desde la intención errónea de asemejarse a centros urbanos, pasando por las malas condiciones de sus instalaciones e, incluso, con las dificultades posteriores de cambio de centro, tal y como se hacía eco uno de los docentes y aspecto que también confirma los estudios de Alegre (2008).

Insistiendo en las malas o deficientes instalaciones de los CRA gallegos, además de la mala imagen que supone para el centro, también puede influir en la decisión de los padres a la hora de elegir uno u otro centro. La falta de instalaciones anexas para la práctica, por ejemplo, de la motricidad, o la escasez de materiales didácticos, deportivos, etc..., originan que el docente reflexione y proponga novedosas prácticas docentes pero, aun así, se queremos que estos centros continúen en funcionamiento, se necesita inversión para mejorar su infraestructura y una dotación de equipamientos y material adecuado, como proponen Noyola, Soca, Aguilera y Martínez (2016).

Todas estas características y el bajo apoyo administrativo nos hacen pensar en un posible futuro sin centros rurales, ya que sin mejoras en las instalaciones, con bajos aportes económicos y con el número de escuelas rurales descendiendo año tras año en Galicia, tal y como apuntaba el docente 1, parece que en poco más de una década esto podría llegar a su fin. En contra de esto, Boix (2003) concreta que no se trata de un final ni mucho menos, sino una reconversión o un cambio en las características de estos centros educativos, que pasarán por perder cierto grado de importancia, pero no por eso las formas de interacción que le son propias.

La razón de ser de los centros rurales está en no focalizar todos los esfuerzos en el ámbito urbano, tal y como afirma Boix (2003). El equilibrio está en darle valor al rural, sin mitificarlo ni desprestigiarlo, entendiendo las capacidades y oportunidades

que pueden ofrecer y, posteriormente, reflexionar, valorando posteriormente si realmente se apuesta por la continuidad de los centros rurales.

Otra parte importante reside en la formación de los docentes. Vemos que un solo docente prácticamente se ocupa de la totalidad de las materias a impartir, salvo casos concretos de itinerancias de especialistas como, por ejemplo, el de lengua extranjera. Abós (2007) o Sevillano (2004) inciden en que las itinerancias de especialistas (música, Educación Física, lengua extranjera) permite que los centros rurales se nutran de nuevos conocimientos, nuevas técnicas y diferentes puntos de vista fundamentales para el crecimiento individual y grupal (Bustos, 2011).

Las aulas multigrado son una realidad en los CRA. Donde algunos ven dificultades, los propios docentes observan oportunidades de aprendizaje, de trabajo cooperativo, de ayuda, donde el alumnado se acostumbra a colaborar y ayudarse entre ellos de una forma natural. En este sentido se pronuncia Bustos (2008), afirmando que al coexistir en la misma aula alumnos con diferentes niveles y trabajando de forma cooperativa, se producen cambios en los niveles de conocimiento, desencadenando un aprendizaje por contagio (de forma positiva siempre).

5 | CONCLUSIONES

Muchas son las virtudes de los CRA, desde ofrecer oportunidades educativas en aquellas zonas más degradadas, comodidad a las familias que tienen mayores problemas de desplazamiento a zonas urbanas o la posibilidad de ofrecer una enseñanza más natural, con un mayor contacto con la naturaleza y en un ambiente que se asemeja a la realidad que nos encontramos fuera de la escuela.

Pero, para conservar esto, es necesaria una mayor inversión en las instalaciones, mejorando las aulas, dotando de espacios específicos para la práctica de deporte u otras actividades artísticas y dotar de material de calidad estos centros, material docente y material para la práctica de las especialidades de Educación Física o música, por poner dos ejemplos.

Asimismo, una mayor variedad en la docencia enriquecerá el proceso de enseñanza-aprendizaje de los CRA. Las itinerancias de los docentes especialistas es imprescindible para un correcto trabajo con el alumnado, pues su formación específica es precisamente para eso, para desarrollar todas las virtudes del alumnado en cada área concreta.

REFERENCIAS

ABÓS, Pilar. La escuela rural y sus condiciones. ¿Tiene implicaciones en la formación del profesorado? *Aula abierta*, n. 35, p. 83-86, 2007.

ALEGRE, Miguel Ángel. Educación e inmigración. ¿Un binomio problemático? *Revista de Educación*,

n. 345, p. 61-82, 2008.

ÁLVAREZ, Elisa. La caída demográfica amenaza el futuro de decenas de colegios rurales gallegos. **Diario La voz de Galicia**, 1 de mayo, 2016. Recuperado de https://www.lavozdegalicia.es/noticia/galicia/2016/05/01/caida-demografica-amenaza-futuro-decenas-colegios-rurales-gallegos/0003_201605G1P8994.htm

BAPTISTA, Iraê. **Metodología de pesquisa em ciências sociais**. Maputo-Moçambique: Escolar Editora, 2016.

BOIX, Roser. **Estrategias y recursos didácticos en la escuela rural**. Barcelona: Graó, 1995.

BOIX, Roser. Escuela rural y territorio: entre la desruralización y la cultura local. **Revista Digital e Rural. Educación cultura y desarrollo rural**, n. 1, p. 1-8, 2003.

BOIX, Roser. Algunas propuestas para la mejora de la escuela rural. **Revista de la Confederación Española de Asociaciones de Padres y Madres de Alumnos**, n. 93, p. 25-28, 2007.

BUSTOS, Antonio. Docentes de escuela rural. Análisis de su formación y sus actitudes a través de un estudio cuantitativo en Andalucía. **Revista de Investigación Educativa**, v. 26, n. 2, p. 486-487, 2008.

BUSTOS, Antonio. Escuelas rurales y educación democrática. La oportunidad de la participación comunitaria. **Revista electrónica Interuniversitaria de Formación del Profesorado**, v. 14, n. 2, p. 106-107, 2011.

CASANOVA, María Antonia. Niños estresados por exceso de estimulación. **Revista de Divulgación Educativa Innovamos** [online], 2017. Recuperado de <https://revistainnovamos.com/2017/10/18/ninos-estresados-por-exceso-de-estimulacion/>

CASTILLO-RODRIGUEZ, Gema ; PICAZO-CORDOBA, Celestino Carlos ; GIL-MADRONA, Pedro. Dinamización del recreo como resolución de conflictos y participación en actividades físico-deportivas. **Revista electrónica Educare**, v. 22, n. 2, p. 1-22, 2018.

COSTA, Antón. Escolas en contornas rurais de Galicia. **Innovación Educativa**, n.24, p. 133-153, 2014.

COUTINHO, Clara. **Metodología de investigação em Ciências Sociais e Humanas**. Coimbra: Edições Almedina, 2014.

ESPAÑA. Decreto 105/2014, de 4 de septiembre, por el que se establece el currículo de la educación primaria en la Comunidad Autónoma de Galicia. **Diario Oficial de Galicia**, Santiago de Compostela, n.171, p. 37406-38087, 9 sep. 2014.

DELGADO, Manuel; TERCEDOR, Pablo. **Estrategias de Intervención en Educación para la Salud desde la Educación Física**. Barcelona: Inde, 2002.

FERNANDES, Odara de Sá; ELALI, Gleice Azambuja. Comportamento infantil no pátio escolar. **Paidéia**, v. 18, n. 39, p. 41-52, 2008.

FLICK, Uwe. **El diseño de investigación cualitativa**. Madrid: Morata, 2015.

HERNÁNDEZ, José Luis; ANDRÉS, Fernando De. **Las instalaciones deportivas en los centros escolares**. Madrid: Consejo Superior de Deportes, 1981.

LÓPEZ, Manuel; TOUS, Elisa. El aula de Educación Física en la enseñanza Primaria. **Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y el Deporte**, n. 2, p. 1-20, 2002.

- MAGALHÃES, Manuela; HILL, Andrew. **Investigação por questionário**. Lisboa: Edições Sílabo, 2016.
- MOLEDO, Alexandra. La sangría demográfica de la comunidad. **Diario Faro de Vigo**, 9 de marzo, 2014.
- MUÑÍZ, Ramón. O campo esfarelado. **Dossier Terras e vidas secas**, n. 228, p. 20-22, 2016.
- NICOLAS, Jonathan. Proyecto de innovación: re-creando los recreos. **EmásF, Revista Digital de Educación Física**, v. 10, n. 58, p. 75-91, 2019.
- NOYOLA, Verónica Silvia; SOCA, Juan Martín; AGUILERA, María Antonieta; MARTÍNEZ, Ofelia Karina. **Infraestructura, mobiliario y materiales de apoyo educativo en las escuelas primarias**. México: Inee, 2016.
- PEREIRA, Zulay. Los diseños de método mixto en la investigación en educación: una experiencia concreta. **Revista Electrónica Educare**, v. 15, n. 1, p. 15-29, 2011.
- PRADO, Santiago. Rural/Urbano y educación secundaria en la comarca gallega Terra de Melide. **Nova escola galega**, s/n, p. 1-30, 2007. Disponible en <http://www.nova-escola-galega.org/almacen/documentos/Prado,%20S.%20Rural-Urbano.pdf>
- RUIZ, Jesús Vicente. **Educación Física para la escuela rural**. Barcelona: Inde, 2008.
- SEVILLANO, María Luisa. **Estrategias innovadoras para una enseñanza de calidad**. Madrid: Pearson Educación, 2004.
- SINEIRO, Francisco. Catro décadas de cambios e eivas. Tempos Novos. **Dossier Terras e vidas secas**, n. 228, p. 23-27, 2016.
- SUÁREZ, Mercedes; MEMBIELA, Pedro. Nostalgia por la Escuela rural en los recuerdos de sus antiguos estudiantes. **Revista de curriculum y formación del profesorado**, v. 15, n. 2, p. 315-325, 2011.
- VÁZQUEZ, Rosa. Las escuelas rurales: Un lugar en ninguna parte. **Revista Electrónica Interuniversitaria de Formación del Profesorado**, v. 11, n. 1, p. 53-58, 2008.
- VIÑUELA, Julio. Manuel Varela impulsor do Plan de Estabilización. **Diario El País**, 21 de diciembre, 2011. Disponible en https://elpais.com/diario/2011/12/21/necrologicas/1324422002_850215.html